



O SEGUNDO ESPANTO



Socorro Edite Oliveira Acioli MARTINS*

RESUMO

O objeto do presente ensaio é o texto **La soledad de América Latina**, discurso proferido por García Márquez no dia oito de dezembro de 1982, na Academia Sueca, por ocasião da entrega do Prêmio Nobel de Literatura. Apesar da publicação desse texto não ser uma novidade, como falaremos brevemente a seguir, reencontrá-lo em um livro do autor com lançamento alardeado pelo mundo quase quarenta anos depois do Nobel nos instiga a pensar o seu percurso a partir disso, o que foi legitimado ou negado nas questões estéticas e políticas da obra de García Márquez.

Palavras-chave: García Marquez. Estética. Política.

INTRODUÇÃO

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto
Así yo distingo dicha de quebranto
Los dos materiales que forman mi canto
Y el canto de ustedes que es el mismo canto
Y el canto de todos que es mi próprio canto.

Violeta Parra

Após o lançamento da autobiografia **Vivir para contarla** (2002) e do romance **Memorias de mis putas tristes** (2004) a esperada continuidade da obra do escritor colombiano Gabriel García Márquez assumiu um longo silêncio de sete anos. Foi o maior intervalo entre publicações no universo de aproximadamente vinte e oito livros, de diversos gêneros, desde o lançamento de **La Hojarasca**, em 1955 até o relato

* Escritora brasileira, entre várias obras publicou **A cabeça do santo**, em 2014 pela Companhia das Letras. Em 2013 foi agraciada com o prêmio Prêmio Jabuti na categoria literatura infantil. É doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Noticia de un secuestro, de 1997. Os intervalos entre estas publicações poucas vezes superaram três anos.

A demora provocou a ansiedade do público, o surgimento de rumores sobre o estado de saúde e lucidez de García Márquez e sobre o possível fim de sua carreira, disseminados pelos novos meios de comunicação e seus desdobramentos – e-mails, anexos com animações, blogs e *spams* de toda ordem. Em outubro de 2010, finalmente, uma promessa de novidade é anunciada com a publicação do livro **Yo no vengo a decir un discurso**, reunião de discursos escritos e proferidos pelo autor no período compreendido entre 1944 e 2007 – ano em que as homenagens aos 80 anos de Gabo choveram sobre o mundo como as pétalas amarelas de **Cien Años de Soledad**.

Dentre os escolhidos para compor este livro está, talvez como principal peça, o objeto do presente ensaio: **La soledad de América Latina**, discurso proferido por García Márquez no dia oito de dezembro de 1982, na Academia Sueca, por ocasião da entrega do Prêmio Nobel de Literatura.

Apesar da publicação desse texto não ser uma novidade, como falaremos brevemente a seguir, reencontrá-lo em um livro do autor com lançamento alardeado pelo mundo quase quarenta anos depois do Nobel nos instiga a pensar o seu percurso a partir disso, o que foi legitimado ou negado nas questões estéticas e políticas da obra de García Márquez.

Na nota escrita pelo editor Cristóbal Pera, da Editorial Sudamericana, é dito que:

(...) Diez años después, Gabriel García Márquez recibió el premio Nobel de Literatura y se vio en la imperiosa necesidad de escribir el discurso más importante al que se puede enfrentar en su vida un escritor. El resultado final fue una obra maestra: “La soledad de America Latina”. Desde entonces, el género se volvió esencial en su carrera de autor admirado y galardonado, cuya presencia y cuyas palabras eran solicitadas a lo largo y ancho de este mundo.

A opinião do editor confirma que o discurso do Prêmio Nobel é o ponto mais alto da sua carreira e o momento de consagração do seu ofício, a legitimação do êxito de uma forma de construção literária única e ao mesmo tempo partícipe de um movimento coletivo, o controverso, polêmico e multifacetado *boom* da literatura latino-americana. Não existe “a lo largo y ancho de este mundo”, para usar palavras do próprio editor,

nenhum prêmio que tenha importância e o poder do Nobel de Literatura, outorgado pela Academia Sueca, principalmente por seu impacto na opinião pública. Escolher as palavras certas para responder a esse coroamento em forma de discurso exige do escritor um trabalho de ourives, lúcido e calculado.

Buscamos reconhecer e analisar os elementos escolhidos por García Márquez para apresentar-se ao mundo como um dos seus mais prestigiados escritores, partindo do princípio de que nenhuma escolha tenha sido ingênua ou unicamente inspirada em motivações artísticas de forma isolada. Que homem surgiu diante do Rei da Suécia, Carlos XVI Gustavo, para receber o seu prêmio? Que identidade cultural ele assumiu para apresentar-se? E com quais signos? Qual o tema central do seu discurso? Como este texto está estruturado? O que esse conjunto de elementos de representação sugere (ou afirma) sobre o projeto literário de Gabriel García Márquez? Quais as suas motivações pessoais e coletivas para tais escolhas?

Essas são as principais questões que norteiam o ensaio a seguir. Pretendemos fazer uma apreciação inicial em busca de pistas para compreender a posição escolhida e representada por Gabriel García Márquez enquanto escritor ao mostrar-se ao mundo como o terceiro latino-americano a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura.

LIQUILIQI

Era dezembro de 1982, auge do inverno europeu. Nem o frio, armadilha implacável para um caribenho, demoveria Gabriel García Márquez do seu intuito de receber o Prêmio Nobel vestindo o *liquiliqui*, um tradicional traje de linho branco usado pelos camponeses do norte da Colômbia e da Venezuela. O protocolo da Academia de Letras e Artes da Suécia determina que os laureados usem fraque ou, em casos especiais, uma vestimenta que represente algum aspecto cultural de seu país.

A decisão pelo uso do liquiliqui foi anunciada na entrevista coletiva improvisada que ele concedeu a mais de cem jornalistas que rodeavam a sua casa no México quando souberam que ele ganhara o Prêmio Nobel.

Como detalha o seu biógrafo Gerald Martin, “o tópico se tornou uma obsessão na Colômbia *cachaca* até o momento da cerimônia, emblemático do medo de que García

Márquez pudesse provocar algum escândalo internacional ou se comportar com vulgaridade intolerável, e desapontasse o país” (MARTIN, 2010, p. 217).

Questionado em diferentes ocasiões sobre o motivo da escolha da roupa, Gabo não limitou-se a dar uma única resposta – talvez por não saber, por esquecer a anterior ou por compreender de que sempre falaria de caribenhos, afinal, ao nomear os inspiradores da decisão em suas justificativas distintas. “Algumas vezes declarava que seria em honra do avô, o coronel, em outras, de maneira menos modesta, em honra de sua criação mais famosa, o coronel Aureliano Buendia” (MARTIN, 2010, p. 523).

Sobre a roupa branca, um quase buquê de rosas amarelas afastava *la pava* - como é chamada a falta de sorte, no Caribe. Após a cerimônia oficial de entrega do prêmio, enquanto desfrutava da festa, García Márquez usou ainda um *sombrero vueltiao*, um chapéu tradicional colombiano, feito de flecha caña, um tipo de cana na área de margem do Rio Magdalena. Inicialmente usado por camponeses, o sombrero tornou-se, aos poucos, um dos símbolos nacionais da Colômbia.

Gabo optou pela segunda opção e não usou o fraque. Vestiu-se “da coisa mais próxima a um uniforme de classe baixa, reconhecidamente latino-americana” (MARTIN, 2010, p. 524). Esse fato somado ao teor de seu discurso, sobre o qual falaremos a seguir, firmou mais ainda a necessidade visceral do artista comprometido a falar do lugar de onde veio e apresentar-se como herdeiro e voz da alma caribenha.

Através da imagem, constata-se um forte desejo de reafirmação identitária, antes de mais nada. Percebemos a identidade nesse contexto “parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela ausência dele ou ainda pela má-percepção que os outros tem dela” (TAYLOR, 1994, p. 41 apud FIGUEREDO, 2005, p. 189).

Sua presença, em silêncio, seria o suficiente para dizer que o homem que apertou a mão do Rei da Suécia não tratava-se de um europeu premiado na Europa. Ele fez questão, ao contrário, de reforçar a afirmação de que a Academia premiava um estrangeiro, latino-americano, caribenho. Ou, tomando o peso de suas palavras, o colonizador rendia homenagens ao colonizado.

GÊNERO E ESTRUTURA

Antes de iniciarmos uma breve análise da substância do trabalho **La soledad de América Latina**, há um aspecto periférico que merece ser notado: a popularidade deste texto. O áudio original do discurso de recebimento do Prêmio Nobel por García Márquez está disponível na internet em várias versões de vídeos ilustrados do *You Tube* com grande número de visualizações, em formato MP3 para download e como texto escrito, na íntegra, em variados blogs e *sites*.

É curioso, visto que esse discurso não é, de forma alguma, um texto literário. Não apresenta os elementos narrativos necessários para tal e não lida com a ficção, apesar de conter nele o gosto pelos períodos longos, profusão de orações subordinadas e a falta de economia de adjetivações, próprios da prosa de García Márquez.

Ao mesmo tempo, o texto foge do que se espera de um discurso de recebimento de prêmio, geralmente marcado por um caráter confessional e uma lista infindável de agradecimentos, lembranças e doses enfadonhas de falsa modéstia.

Constatamos, então, que trata-se de um ensaio – esse texto “metodicamente sem método” (ADORNO, 2003, p. 30) de que fala Adorno em seu clássico texto que tenta, em vão, classificar um gênero que escorrega de qualquer tentativa de aprisionamento estético.

Essa constatação arriscada baseia-se nas semelhanças entre o texto de Márquez e as mais acertadas caracterizações do próprio gênero que “costuma transitar pelas distinções entre o aspecto inventivo da literatura e os procedimentos expositivos do tratado científico” (FARIA, 2010, p. 4).

La soledad de América Latina passeia, todo o tempo, em espaços duplos. Reconhecemos nesse ensaio (chamaremos assim a partir de agora) duas partes muito bem separadas.

Na primeira parte, García Márquez abusa de imagens fortes e impactantes, marca de seu texto ficcional mas que, nesse caso, não são uma criação própria:

Antonio Pigafetta, un navegante florentino que acompañó a Magallanes en el primer viaje alrededor del mundo, escribió a su paso por nuestra América meridional una crónica rigurosa que, sin embargo, parece una aventura de la imaginación. Contó que había visto cerdos con el ombligo en el lomo y unos pájaros sin patas cuyas hembras empollaban en las espaldas del macho, y otros como alcatraces sin lengua cuyos picos parecían una cuchara. Contó que había visto un engendro animal con cabeza y orejas de mula, cuerpo de camello, patas de ciervo y relincho de caballo” (MÁRQUEZ, 2010, p. 21).

A partir do exemplo inicial, os relatos de Antonio Pigafetta, o autor segue fazendo um resumo de relatos absurdos, porém legitimados como históricos por terem sido escritos pelos descobridores europeus na América. Dentre os relatos estão as lendas do Eldorado, a busca da fonte da eterna juventude, a expedição “cuyos miembros se comieron unos a otros y sólo llegaron cinco de los seiscentos que la emprendieron” (MÁRQUEZ, 2010, p.22), galinhas recheadas de pedras de ouro e as onze mil mulas que saíram de Cuzco carregadas de ouro para pagar o resgate de Atualpa e nunca chegaram. Os textos dos colonizadores formam, portanto, o registro de um primeiro espanto.

Ainda depois da independência do domínio espanhol, segundo Márquez, os absurdos não pararam de acontecer. Foram originados, sobretudo, por generais alucinados que enterravam a própria perna com funerais magníficos, ou tinha os corpos inteiros enterrados em um trono presidencial, dentre outros casos tão espantosos que nos custam a acreditar que são reais.

Ao destacar esses pedaços da realidade mostrando o quão espantosos tem sido, García Márquez confirma a ideia de que o “processo literário hispano-americano apresenta uma sensível unidade em sua estrutura, construída a partir de uma atitude escritural comum de transferir à ficção o resgate e o questionamento da experiência histórica.” (TROUCHE, 2006, p.21). Sobre a relação entre ficção e imaginação – palavra recorrente em todo e qualquer texto da fortuna crítica de García Márquez e marca inconfundível de sua obra – o próprio Márquez afirma que “El desafío mayor para nosotros ha sido la insuficiencia de los recursos convencionales para hacer creíble nuestra vida” (MÁRQUEZ, 2010, p. 25).

A partir desse ponto começa a segunda parte do ensaio, com uma das frases mais importantes do texto: “Me atrevo a pensar que es esta realidad descomunal, y no

sólo su expresión literaria, la que este año há merecido a atención de la Academia Sueca de las Letras”. (MÁRQUEZ, 2010, p. 25)

Essa fala confirma a ideia de que este autor agraciado com a maior premiação literária do mundo apresenta-se como uma voz da América Latina e não de uma verdade individual. São os minutos finais do discurso e o tom torna-se acusador. O alvo: a Europa, o olhar eurocêntrico e a falta de solidariedade com os sonhos latino-americanos. Ele afirma que “a violencia y el dolor desmesurados de nuestra historia son el resultado de injusticias seculares y amarguras sin cuento, y no una confabulación urdida a tres mil leguas de nuestra casa” (MÁRQUEZ, 2010, p. 27) e pede que a Europa enxergue a América Latina em seu próprio passado.

A queixa de García Márquez é parecida com a do ensaísta Silviano Santiago no clássico “Entre-lugar do discurso latino-americano” e nos leva de imediato a presença do conceito de entre-lugar no discurso do Prêmio Nobel.

Assim com Márquez, Silviano acusa os europeus da falta do desejo de conhecer, da imposição de sua língua e religião simultaneamente, de evitar a possibilidade de bilinguismo e da tentativa de que a América fosse construída como um cópia da Europa, sem respeitar o passado espantoso e incompreensível deste continente.

O continente, por sua vez, oferece a civilização ocidental a “destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza: estes dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural” (SANTIAGO, 1978, p. 18)

Oprimida e violentada, a América Latina dá uma resposta: o mestiço. “O silêncio seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural, ou ainda o eco sonoro que apenas serve para apertar mais os laços do poder conquistador” (SANTIAGO, 1978, p. 19).

A partir dessa reviravolta do processo histórico, assistimos ao que Ángel Rama chamou de transculturação narrativa, conceito desenvolvido no artigo Los procesos de transculturación en la narrativa latinoamericana e no livro **La transculturación narrativa em Latinoamérica**, de 1982.

Rama utiliza o termo transculturação narrativa a partir de Ortiz. “A transculturação não consiste em adquirir uma cultura, o que ele entende como

aculturação; transculturação implica em processos de aculturação, de desculturação parcial e neoculturação” (REIS apud FIGUEREDO, 2005, p. 470).

Gabriel García Márquez, descendente de espanhóis e índios colombianos, usou das histórias de seu tempo e lugar como matéria real de seu ofício. Trabalhou essa matéria com a língua do colonizador e as técnicas de autores europeus e norte-americanos que fizeram parte de sua formação.

E este autor mestiço, cuja prosa apresenta traços evidentes da transculturação narrativa definida por Angel Ráma, encerra o seu discurso citando o mestre William Faulkner e declarando a sua fé em uma utopia “una nueva y arrasadora utopia, donde nadie pueda decidir por otros hasta la forma de morir, donde de veras sea cierto el amor y sea posible la felicidad, y donde las estirpes condenadas a cien años de soledad tengan por fin y para siempre una segunda oportunidad sobre la Tierra” (MÁRQUEZ, 2010, p.29).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente texto, percorremos o propósito apontado no início de sugerir um olhar atento para a fala de Gabriel García Márquez ao receber o Prêmio Nobel, observando aspectos ligados à sua representação com autor, tanto nos signos utilizados como no texto preparado para ocasião. Sugerimos que o discurso **La soledad de America Latina** trata-se de um ensaio, por todas as suas características híbridas.

De certa forma, o discurso do Nobel é também um agradecimento do autor ao riso e pranto que a América Latina lhe proporciona com sua história. Amor e morte, alegria e loucura, e mais infinitos pares de sentimentos são a matéria principal dos conflitos dos personagens de García Márquez que apaixonam o mundo.

García Márquez apresenta-se como um voz a mais do seu continente. A frase de Violeta Parra é uma definição perfeita para a visão que o autor apresenta de sua prosa: Y el canto de ustedes que es el mismo canto.Y el canto de todos que es mi próprio canto.

O primeiro espanto da Europa em relação ao Novo Mundo foi registrado pela mão do colonizador, na língua do colonizador e com todos os seus julgamentos e preconceitos: animais estranhos, desaparecimentos, minas de ouro, feitiçarias.

Mas eis que no gelado dezembro sueco, um homem de vestes brancas, flores amarelas e traços mestiços, carregando na voz a **dicha** e o **quebranto** que compõem a condição de artista latino-americano, recebe das mãos do Rei da Suécia, o maior prêmio literário do mundo. Este foi, sem dúvida, o segundo espanto do Velho Mundo: Márquez, el Mágico.

THE SECOND AMAZEMENT

ABSTRACT

The object of this essay is the text of **La Soledad de America Latina**, speech by García Márquez on 8 December 1982, the Swedish Academy on the occasion of the delivery of the Nobel Prize for Literature. Despite the publication of this text not be a novelty, as we will talk briefly below, find it again in an author's book to be released trumpeted around the world nearly forty years after the Nobel urges us to think about your route from the addition, which was legitimized or denied the aesthetic and political issues García Márquez's work.

Keywords: García Márquez. Aesthetics. Politics.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In:_____. **Notas de Literatura 1**. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34.

FARIA, João Marcos Reis. **Memória, História e Indivíduo na obra de Beatriz Sarlo**. Monografia não publicada. Rio de Janeiro: 2010.

FIGUEREDO, Eurídice (org). **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Yo no vengo a decir un discurso**. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do Discurso Latino-Americano. In: **Uma literatura nos trópicos, ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva/ Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y del azucar**. (fragmento). La Habana: Ed. Ciencias Sociales, 1983.

TROUCHE, André. **América**: história e ficção. Niterói: Eduff, 2006.